



## Por que deveríamos parar de estudar 'Arte Islâmica' e 'Orientalismo'?

Alexsander Britto\*

**Resumo:** Este artigo visa apresentar e discutir brevemente, as dificuldades em estudar a produção artística e cultural oriental não-europeia, tendo em mente a crise dos conceitos de 'arte islâmica', 'orientalismo' e 'islã'.

**Palavras-Chave:** Arte Islâmica. História da Arte. Orientalismo.

Após a publicação de *Orientalismo* (1978), de Edward Said (1935 – 2003), a noção de oriente foi posta em crise: “[...] o que dava ao mundo oriental a sua inteligibilidade e identidade não era o resultado de seus próprios esforços, mas era, antes, toda a complexa série de manipulações cultas pelas quais o Oriente era identificado pelo Ocidente” (SAID, 1990:50). Arnold Hottinger (1926), em *Die Länder des Islam: Geschichte, Traditionen und der Einbruch der Moderne* (2008) afirma que o “islã” não existe. “E que é impossível falar sobre o mundo oriental reduzindo-o a uma única expressão globalizada” (SHALEM, 2012:1). Se para Said, o oriente não passa de uma invenção do ocidente, assim como para Hottinger, a expressão “islamismo” refere-se a algo inexistente, qual expressão devemos adotar?

Além disso, a expressão “arte islâmica” é problemática pelos seguintes aspectos: Primeiro, apresenta a cultura material de povos variados a partir de uma perspectiva religiosa, e não como um fenômeno cultural. O islã, como fenômeno religioso, surge no século VI (E.C.), portanto, é como se a prática artística surgisse a partir de 1600 com o Profeta Maomé (c. 571 – 632). Onde colocamos – na linha do tempo – tudo o que foi produzido pelos Mesopotâmicos, Sumérios, e Omíadas de antes deste tempo, por exemplo? Além disso, segundo uma pesquisa realizada pelo *Pew Research Center* (USA), em 2010, os países com maior número de convertidos ao Islã, são Indonésia (13,1%), Índia (11%), Paquistão (10,5%), e Bangladesh (8,5%), respectivamente. Já o Irã (4,5%), por exemplo, aparece em sétimo lugar. Uma perspectiva muito diferente da encontrada nos livros de história da arte. É um exercício difícil desviar de uma perspectiva eurocêntrica, uma vez que, somos ensinados, desde o ensino fundamental ver a Europa como centro do universo, ainda mais para um país como o Brasil, que deixou de ser uma colônia a pouco mais de 500 anos. Em *Filosofia da História Universal* (1837), por exemplo, Hegel reconhece o oriente como fonte de conhecimento, mas aponta a Europa como o local de ápice do desenvolvimento do pensamento científico. A questão torna-se mais complexa quando estendida para outras áreas de conhecimento.

Parte integral do trabalho do historiador da arte, consiste na análise de objetos. Para um Orientalista, isso significa estudar a história e a cultura de uma civilização em crise. O que abrange a iconografia de mesquitas, madrasas, palácios, cerâmicas, vasos, manuscritos, iluminuras, joias, esculturas e pinturas. Há, também, um problema recorrente em relação à estrutura do “cânone”, organizado da seguinte forma: arquitetura, caligrafia, motivos vegetais e geométricos. Deixando em uma zona periférica uma centena de objetos. Portanto, é preciso deixar claro para os que estão sendo introduzidos a questão: a ‘arte islâmica’ não é anicônica. Ao inferir que

não há a representação de imagens, redefinimos a história e a história da arte, um erro grave quando temos tantos acervos de museus à nossa disposição. O bacharelado em História da Arte é um fenômeno recente no Brasil, procurei, neste breve artigo, expor questões que surgiram ao longo da minha formação como historiador da arte e integrante do Laboratório do Mundo Antigo e Medieval (LAMAM/CNPq), como bolsista de Iniciação Científica.



**Figura 1:** Iluminura Persa século (XV). Representação do Profeta Maomé e Anjo Gabriel no inferno, com *Buraq* (ser alado descrito na religião do Islã). Na cena o anjo mostra ao Profeta mulheres sendo torturadas por um ser bestial verde. Penduradas pela língua por terem zombado de seus maridos e deixarem suas casas sem permissão.

## Bibliografia

- GRABAR, O. (1976), **What Makes Islamic Art Islamic?**, In: ARCHNET: <<https://archnet.org/publications/5032>>
- \_\_\_\_\_, (1983) **Reflection on the Study Islamic Art.** In: ARCHNET: <<https://archnet.org/publications/5032>>
- SHALEM, A. (2012), **What do we mean when we say ‘islamic art’?** A plea for a critical rewriting of the history of the arts of Islam. In: *Journal of Art Historiography*. 6: 2012 <<https://arthistoriography.wordpress.com/number-6-june-2012-2/>>

**Alexsander Cândido Britto \***

Bacharel em História da Arte pelo Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
(IA – UFRGS)

Membro do Laboratório do Mundo Antigo e Medieval (LAMAM/CNPq)  
Pesquisador Associado do Laboratório de Estudos da Antiguidade Oriental (LEAO/UFRGS)